

REFLEXOS DO *MOBILE* NO JORNALISMO*

Reflections of the mobile in journalism

Reflexiones del mobile en el periodismo

Karolina de Almeida Calado

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PPGCOM-UFPE), com bolsa Capes.

E-mail: karolinacalado@gmail.com

José Afonso da Silva Junior

Professor e pesquisador vinculado ao PPGCOM-UFPE. Possui Pós-doutorado na Universidade Pompeu Fabra, Barcelona, Espanha (2010-2011); Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia (2006). t

E-mail: zeafonsojr@gmail.com

Resumo

O presente artigo objetiva indicar os contornos iniciais de mudanças no perfil profissional jornalístico devido à inserção dos *smartphones* na rotina de produção. Tais transformações reverberam em uma fase caracterizada pela polivalência de funções nas redações. Ao lançar mão da revisão bibliográfica, busca-se identificar o estado da arte, relacionando-o aos conceitos sobre convergência profissional, conforme Salaverría (2003), Barbosa e Seixas (2011), Silva (2009), entre outros.

Palavras-chave: Polivalência de funções. *Smartphones*. Jornalismo móvel. Convergência profissional.

Abstract

This paper seeks to indicate the changes in the professional journalistic profile related to the insertion of smartphones in the newsmaking. Such transformations reverberate in a lapse characterized by the accentuated polyvalence of skills in the newsrooms. We seek to identify the state of the art, relating it to the concepts of professional convergence, of the authors Salaverría (2003), Barbosa and Seixas (2011), Silva (2009), and others.

Key words: Polyvalence of Functions. Smartphones. Mobile Journalism. Professional Convergence

Resumen

Este artículo tiene como objetivo indicar las líneas iniciales de los cambios en el perfil profesional periodístico debido a la introducción de los smartphones en la rutina de la producción. Estos cambios repercuten en una fase caracterizada por la polivalencia de funciones en la sala de prensa. A través de la revisión de la literatura, se busca identificar el estado de la arte, relacionándolo con conceptos de convergencia profesional discutidos por Salaverría (2003), Barbosa y Seixas (2011), Silva (2009), entre otros.

Palabras-clave: Polivalencia de funciones. Smartphones. Periodismo móvil. Convergencia profesional.

* Texto apresentado no II Colóquio Internacional de Mudanças Estruturais no Jornalismo.

1. Introdução

A ubiquidade de informações tem se intensificado a partir da crescente presença de dispositivos móveis na vida das pessoas. Os aspectos multimidiáticos presentes neles permitem reunir diversas ações anteriormente separadas, entre elas: telefonar, fotografar e receber informações (CANCLINI, 2008, p. 34). Além da mobilidade e multimídia, há que se considerar que a comunicação se estabelece por meio da conexão às redes wi-fi, 3G, entre outras (SILVA, 2009, p. 75). Para o jornalista, isso significa não apenas uma maior disseminação de conteúdo, mas a possibilidade de noticiar em tempo real; editar e enviar informações para a redação no momento da cobertura, além da possibilidade de entrar em contato com as fontes. Essa prática produtiva tem gerado a expressão “jornalismo móvel”.

Mediante a apropriação das diversas funções nesses dispositivos, o jornalista se vê, cada vez mais, obrigado a incorporar novos comportamentos, o que reflete na reconfiguração de papéis: aperfeiçoamento, integração ou mudança. A realidade é de polivalência, tendo em vista que o jornalista trabalha para distintos veículos, produz em diferentes linguagens ou suportes, e, ainda, para diversas editorias (SCOLARI, 2008, p. 103; SALAVERRÍA, 2010, p. 36). A tendência é que novas transformações possam acontecer no âmbito profissional, levando-se em consideração o cenário de convergência jornalística, o qual, entre outros fatores, envolve a integração de redações e convergência profissional. Vale ressaltar que o surgimento do profissional multimídia, denominado de multitarefa e multiplataformas, também envolve discussões acerca da qualidade do conteúdo produzido (SALAVERRÍA, 2003, p. 2), da sobrecarga de informações, da jornada de trabalho 24x7, da lógica da diminuição de custos por parte das empresas jornalísticas e das crescentes exigências na qualidade das informações.

Esse panorama se insere no movimento de mudança cultural nos usos dos dispositivos, na reorientação das instituições, na formação, nas transformações de hábitos de uso, no acesso e consumo dos usuários sincronizados em igual passo aos estilos do consumo e produção (GIDDENS, 2002, p. 80) dados pela convergência. Segundo Castells (2000),

vive-se uma revolução da tecnologia da informação, na qual diferentes áreas, a exemplo da microeletrônica, telecomunicações e computação, convergem. De uma forma dialógica e perene, esse ambiente mais amplo e geral se desdobra em aplicações e adoções para o campo do jornalismo contemporâneo, que tocam no papel normativo de criar, editar e circular conteúdos.

Nesse contexto, este artigo problematiza quais as influências do *mobile*, especificamente dos *smartphones*, na profissão jornalística, tendo como objetivo apresentar as características do jornalismo móvel e da polivalência, a partir dos seus reflexos na rotina profissional. Para tanto, de maneira descritiva e qualitativa, lança-se mão de algumas pesquisas de mercado para ilustrar essas preocupações, relacionando-as à base teórica.

2. Jornalismo e os dispositivos móveis

O acesso à internet da população ocidental tem crescido nos últimos anos, devido ao decréscimo do valor de aparelhos como *tablets*, *smartphones*, entre outros; ao aumento do poder de compra das pessoas e ao desenvolvimento de países como China, Índia e Brasil, a hipótese é que o crescimento da classe média altera a lógica do consumo e da democracia, transformando, assim, a forma de se comunicar, ou seja, de oferecer e consumir conteúdos jornalísticos (DÍAZ-NOCI, 2011). A ideia comercial de internet móvel surgiu no Brasil em 2000 e impulsionou os grupos a lançarem seus sites em WAP (FERREIRA, 2007, p. 58).

Pouco tempo depois, a Compera lançou o portal “Internet Na Mão”, o primeiro serviço de notícias por SMS no Brasil, que podia ser assinado via web por usuários de algumas operadoras que atuavam no país. (...) O ano 2000 foi o ano da pequena bolha da internet móvel. Assim, depois do Folha Wap e do portal Internet na Mão, houve uma sucessão de lançamentos de serviços de notícias pelo celular, de grupos como o Estado de S. Paulo, Editora Abril, IG, Yahoo!, entre outros. (FERREIRA, op. cit., p. 58)

A mobilidade dos dispositivos móveis e sua cone-

xão possibilitam a presença do repórter em diversas situações, a exemplo de coberturas jornalísticas (SILVA, 2009). Portanto, a relevância desses dispositivos se dá não apenas em relação à disponibilização e consumo de conteúdos, mas do ponto de vista da produção. Ainda de acordo com Lucia Santaella (2008, p. 3), esse cenário foi construído graças aos espaços intersticiais, ou o rompimento do que se denomina de físico e digital. Hoje, não se precisa sair do espaço físico para acessar o digital, o que tornou o espaço híbrido. Essa é uma realidade cada vez mais atual, por meio dos dispositivos móveis, ou do que a autora descreve como mídia locativa, ou seja, “tecnologias de vigilância, de rastreamento e de posicionamento que permitem que a informação seja ligada a espaços geográficos” (idem).

Com a mobilidade dos dispositivos, tem-se diferentes condicionamentos no jornalismo. A começar pela possibilidade de se editar nos aparelhos, a exemplo do *moblog*¹, blog que permite ao usuário editar e disponibilizar conteúdos a partir de celulares, há *softwares* de edição de imagem ou, ainda, os Sistemas de Gerenciamento de Conteúdos (*Content Management System* – CMS). Esses novos hábitos originam o que se denomina de jornalismo móvel. O mesmo refere-se à prática do jornalismo em contexto de mobilidade, seja do ponto de vista da transmissão *streaming* ou da produção por dispositivos como *smartphones* (SILVA, 2009, p. 2). As autoras Suzana Barbosa e Lia Seixas (2011) comentam que o jornalismo móvel encontra-se em expansão, o qual se concretiza como “prática associada às condições de mobilidade e desempenha através do uso de dispositivos digitais móveis para o registro, o tratamento e o envio/transmissão de conteúdo (áudio, vídeo, imagens, texto) diretamente do terreno onde o fato acontece ou forma de ‘ao vivo’” (SUZANA e SEIXAS, p. 9).

Guardadas as devidas proporções, e dependendo do nível de implementação dessa prática nas rotinas produtivas, as organizações jornalísticas dos cinco continentes já incorporam os dispositivos móveis para a produção e também para a produção de conteúdos. (BARBOSA e SEIXAS, 2012, p. 9)

A potencialização, nesse sentido, parece ser a compactação entre as etapas de gerar ou produzir conteúdo e de editar,

tratar o material. Parece ser cada vez mais claro que trazer para o momento da produção os procedimentos de edição é uma tendência da convergência, como um todo, e para o jornalismo em particular.

Estas nuevas posibilidades tecnológicas se convierten automáticamente en demandas de servicios que los medios están obligados a satisfacer. Y para responder a ese desafío, obligan a adaptar los procesos de producción y la configuración interna de esas organizaciones periodísticas. (SALAVERRÍA, 2010, p. 33)

Por sua vez, Silva (2011, p. 11) cita sua experiência em observação e entrevista sobre a prática do jornalismo móvel e polivalência de funções, envolvendo a rotina profissional de jornalistas do JC Online, A Tarde Online e Extra Online. Ele relata a preocupação dos profissionais acerca da sobrecarga de funções, da qualidade da informação e do cumprimento do *deadline*.

O fato é que empresas jornalísticas, ao integrar suas redações, reduzem o número de funcionários e exigem profissionais multiplataformas versáteis. A exaustão desses profissionais tem sido fortemente debatida por jornalistas e suas entidades representativas. De modo que, as empresas Deloitte e Comunique-se² realizaram uma pesquisa para saber o que pensam os jornalistas da redação, na qual entrevistaram 711 profissionais, em agosto de 2012. Desses jornalistas, 71% disseram que a equipe é menor do que o necessário para realizar as tarefas. A pesquisa mostrou que, de cada sete convites para coletivas de imprensa, somente dois são aceitos, devido à redução no quadro de profissionais, o que gerou acúmulo de trabalho.

3. Jornalista polivalente e convergência profissional

Um novo tipo de identidade jornalística se forma, devido às mudanças ocorridas na cadeia produtiva da notícia. O novo profissional polivalente é capaz de escrever para diferentes editorias, plataformas, veículos ou empresas (SCOLARI, 2008). Na medida em que se tem a presença da

¹ Tipo de blog que permite edição por meio dos dispositivos móveis

² Pesquisa Fala, jornalista!. Disponível em < <http://www.slideshare.net/andersonscardoelli/pesquisa-fala-jornalista> > Acesso em 12 de abril de 2013.

tecnologia no cotidiano, tem-se, por outro lado, profissões que vão se remodelando. Os comportamentos sociais vão se modificando e os laços e conceitos de rede ganham outros significados.

A rotina de trabalho nas diferentes esferas jornalísticas mudou e teve uma importante reconfiguração no molde dos estilos de vida apropriados pelos grupos de jornalistas e, individualmente, por cada profissional. Primeiro, com o fenômeno da internet e, posteriormente, com a digitalização de conteúdos, o que possibilitou o armazenamento e cruzamento de informações na base de dados, reforçando, por sua vez, a característica da memória no jornalismo online (PALACIOS, 1999 apud MIELNICZUK; PALACIOS, 2001, p. 3). Paralelamente, ao longo dos anos, percebeu-se que a presença do e-mail na vida desses profissionais causou impacto e provocou diferentes questionamentos sobre o seu uso, sobre a prática jornalística, ou, ainda, sobre a sua seriedade, no momento da elaboração da notícia. No entanto, o e-mail foi gradualmente incorporado pelos jornalistas nas rotinas das redações (GARRISON, 2007, p. 36). Atualmente, os *smartphones* têm alterado a prática, possibilitado aos jornalistas maior produtividade e polivalência das funções.

A polivalência pode se manifestar no *modus operandi* do jornalista, de diversas maneiras. Carlos Scolari (2008, p. 207) a classifica em três tipos: a polivalência temática, quando o jornalista é capaz de escrever para diferentes temas ou editoriais; a polivalência midiática, a partir do momento em que o profissional produz conteúdos em distintas linguagens (áudio, vídeo e texto); e a terceira, denominada de polivalência tecnológica, quando o jornalista não só produz o conteúdo, mas também o edita, ao lançar mão dos aplicativos.

Em outubro de 2012, o Centro Knight para o Jornalismo nas Américas³ divulgou em seu site uma matéria sobre os cinco aplicativos que todo jornalista deve ter em seu celular, entre eles um para arquivar e assim poder acessar quando for preciso, um para editar fotos, um para acessar o CMS, um para administrar as redes sociais e outro para fazer transmissões ao vivo. Conforme ressaltado no texto, essas indicações

partiram do professor adjunto da Escola de Comunicação da Universidade de Southern California, Robert Hernandez.

O jornalista com múltiplas funções é também resultado do cenário convergente que envolve empresas e tecnologias. Segundo Díaz-Noci (2011, p. 101)⁴, “este processo tem provocado profundas implicações para as estratégias empresariais, às mudanças tecnológicas, à elaboração e distribuição de conteúdos em diferentes plataformas, ao perfil profissional dos jornalistas e às formas de acesso ao conteúdo”. Algumas transformações já se manifestam nas redações, transformando a organização e reestruturando a produtividade do jornalista para diferentes veículos. Díaz-Noci (2011) cita: *The New York Times*, *Le Monde*, *The Guardian* ou mesmo o *Jornal do Commercio*, de Pernambuco, como exemplos de veículos que passaram pelo processo de integração das redações. Atualmente, apenas o *New York Times* é dono de mais de 40 jornais.

Há várias razões para a convergência dos meios, entre elas estão as questões técnica e profissional (DÍAZ-NOCI, 2011, p. 102). Na primeira, tem-se a portabilidade de dados e rede descentralizada; já na segunda, é possível a aproximação da criação e da produção, além de uma maior produtividade, baseada na lógica de trabalho das agências, 7x24, quando os jornalistas passam a trabalhar a semana inteira, durante 24 horas. Segundo Salaverría (2010), além da questão estrutural e econômica, as empresas integram suas redações para conquistar ou fidelizar seu público, no sentido de permanecer na liderança, ou de conquistá-la.

A produção desses profissionais passa a ser integrada e a sua distribuição é multiplataforma, o que inclui conteúdos para distintas plataformas móveis: *tablets* e *smartphones*. Essa realidade enfatiza o surgimento dos jornalistas multimídia, conforme anteriormente citado, entre os quais existem duas funções: a de jornalista multitarefa e a de multiplataforma. No primeiro caso, o jornalista trabalha em diferentes funções na redação, funções essas anteriormente exercidas por profissionais distintos. No segundo caso, a denominação se refere ao profissional que divulga informações nos mais di-

3 Os cinco aplicativos que todo jornalista deve ter. Disponível em: < <https://knight-center.utexas.edu/pt-br/blog/00-11823-cinco-aplicativos-que-todo-jornalista-deve-ter-em-seu-smartphone> > Acesso em 10 de abril de 2013.

4 “This process has deep implications for company strategies, technological change, the elaboration and distribution of contents on different platforms, the professional profile of journalists and the forms of accessing contents” (DÍAZ-NOCI, 2011, p. 101).

versos canais, com mais responsabilidade sobre si e exercendo mais protagonismo (SALAVERRÍA, 2010, p. 36).

Sobre a convergência profissional, Salaverría (2003) enfatiza que essa modalidade convergente está relacionada às mudanças na rotina profissional, mas que ela ainda não atingiu a fase de desenvolvimento. Salaverría (2003) ressalta que é preciso estimulá-la, investindo na formação contínua desses profissionais e na apropriação dos recursos multimídia no ambiente virtual das diferentes plataformas. A concretização da convergência jornalística será possível quando, de fato, as quatro dimensões da convergência se complementarem efetivamente: empresarial, profissional, tecnológica e comunicativa.

No sentido de ressaltar a formação desses profissionais, Scolari (2008) ressalta que as mudanças no perfil profissional refletem no setor acadêmico.

Estos cambios en la fuerza de trabajo afectan de igual modo a las instituciones encargadas de formar a esos profesionales (universidades, escuelas de diseño, etcétera) que a las organizaciones para las cuales trabajan (instituciones públicas, empresas. (SCOLARI, 2008, p. 204)

Tem-se, portanto, alterações culturais percebíveis na profissão, as quais reorientam as exigências para com a didática, a prática e a teoria nos cursos de Jornalismo das Instituições de Ensino Superior. A formação profissional e, especificamente, a relação entre teoria e prática, em laboratório, é uma preocupação para a autora Márcia Marques (2013), a qual desenvolveu um relato no formato de artigo científico sobre a sua experiência ao dar aula sobre jornalismo online em laboratório na Universidade de Brasília. A autora enfatiza que as reflexões nos laboratórios de jornalismo devem abordar diferentes questões profissionais: “dos papéis desempenhados nas redações, das inseguranças do estatuto profissional, e da desregulamentação temporal no jornalismo digital” (2013, p. 31). Ainda ressalta que a formação deve ser capaz de orientar a reciclagem profissional, devido às constantes mudanças na área, e a capacidade de pensar e interagir com diversas outras áreas, por meio da interdisciplinaridade.

4. Da polivalência de funções às hipernarrativas: o uso da taticidade

A forte popularização dos *smartphones* nos últimos anos tem aumentado o consumo de informação por esse meio. Nessa perspectiva, o jornalista móvel, além de se apropriar das funções e aplicativos desses dispositivos na rotina de trabalho, também se vê obrigado a produzir conteúdos para esses dispositivos, com níveis de exigência cada vez maiores. Dessa forma, surgem indagações sobre a apropriação de dispositivos móveis na profissão, não apenas na rotina de produção e distribuição, mas na construção de conteúdos. Qual o papel do jornalista na narrativa transmídia? Como conseguir desenvolver conteúdos que explorem as características dos meios e consigam gerar receita a ponto de estimular a criação e manutenção de conteúdos em aplicativos, tendo em vista que a lógica do consumo de informação no meio digital gira em torno da gratuidade? Em pesquisa sobre a relevância do conteúdo para as marcas, realizada em 2012, no intuito de analisar o comportamento do e-consumidor brasileiro, as empresas M. Sense e Hi-Mídia⁵ divulgaram que 49% dos entrevistados disseram sair do site quando se deparam com a possibilidade de pagar por algum tipo de conteúdo; 21% verificam o preço e consideram pagar por algo de seu interesse; 23% procuram informação em outro lugar e, caso não encontrem, pagam pelo conteúdo; e 7% disseram pagar pelo conteúdo quando o mesmo lhes agrada.

Diante do cenário da produção hipernarrativa (MANOVICH, 2001, p. 200-201), são necessárias novas estratégias que atendam aos novos tipos de consumidores de conteúdo nos *smartphones*, explorando características multimídia inerentes à sua plataforma (FERRARI, 2010, p. 29) ou ao que se convencionou chamar de quarta tela⁶ sincronizada, um fenômeno que diz respeito à maneira como os conteúdos podem se apresentar de maneira complementar.

⁵ A relevância do conteúdo para as marcas. Disponível em: < <http://www.slideshare.net/Hi-Midia/hi-midia-contentmarketing#btnPrevious> Acesso em 11 de fevereiro de 2013.

⁶ A quarta tela é explicada por meio de vídeo feito pela Nokia. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=ue3xt1lkkIA&feature=youtu.be> > Acesso em 18 de fevereiro de 2013.

Por celulares como os *smartphones*, as informações têm circulado de forma cada vez mais popular. Para Lucia Santaella⁷, eles são máquinas híbridas de linguagem, nas quais se fundiram as quatro linguagens em um único aparelho. Logo, vive-se a era dos aplicativos; vive-se a era da convergência das mídias. De acordo com Santaella, os *smartphones* são janelas digitais multiplicadas e essa cultura digital é como um ecossistema de subculturas nas quais se misturam diferentes comunidades.

Sobre a atitude do jornalista frente às novas formas de produção, Ferreira (2007) escreve:

Portanto, em primeiro lugar, é exigido do jornalista um olhar de editor. Antes de qualquer coisa, é preciso que o profissional tenha discernimento: que notícia é realmente importante, a ponto de um usuário consultar seu telefone celular? Mesmo para os públicos mais segmentados e específicos, existem certas informações mais importantes do que outras. (FERREIRA, 2007, p. 64)

A digitalização possibilitou a convergência de conteúdos, ou seja, o cruzamento de imagens, sons e palavras; e favoreceu a multimídia, que é a capacidade dos conteúdos de se complementarem em um determinado suporte (SCOLARI, 2008, p. 100). Também com o conceito de modularidade, Manovich (2001) ressalta que essas linguagens se unem, mas não perdem suas identidades e continuam sendo reconhecidas por suas singularidades. As características da multimídia são capazes de ajudar não apenas os profissionais em sua rotina, porque hoje já não se consegue pensar na impossibilidade de leitura de e-mail por jornalistas em coberturas, que redes sociais não sejam alimentadas em tempo real pelos profissionais ou que haja a inviabilidade de troca de informações com as redações.

Este alto grado de multimedialidad que caracteriza a los cibermedios actúa como acicate para la convergencia. Las empresas periodísticas se ven en la necesidad de alimentar a sus publica-

ciones digitales con contenidos textuales y audiovisuales de todo tipo, y además con un frecuentísimo ritmo de actualización. Esto suscita una enorme demanda de materia prima informativa, que las empresas periodísticas tratan de atender, entre otras cosas, mediante la coordinación multiplataforma de sus medios. (SALAVERRÍA, 2010, p. 38)

O caráter multimídia desses dispositivos é um dos motivos de preocupação para os meios e, consequentemente, para os jornalistas, sobretudo no que se refere aos formatos dos conteúdos para esses dispositivos. É mister que conteúdos não sejam apenas transportados do impresso ou da web, mas que possam explorar as características dos dispositivos, a exemplo da característica da taticidade, apresentada por Marcos Palácios e Rodrigo Cunha (2012, p. 5): “Diferentemente de recursos como a ‘multimedialidade’ e a ‘memória’, que nos primórdios da Internet eram apenas potencialidades, a taticidade já nasce plenamente apropriável para utilizações em aplicativos criados para plataformas móveis”. Segundo Palácios e Cunha (2012), além da multimídia e da memória, à taticidade se somam a personalização, a atualização contínua, a hipertextualidade e a interatividade para complementar as características do jornalismo online, especificamente nos dispositivos móveis. Reforçam ainda a necessidade de que o jornalismo explore essa característica. Tais autores apresentaram uma tipologia dos recursos táteis em dispositivos móveis em sistemas como o iOS, da Apple, e o Android, da Google. Entre os gestos táteis, eles indicaram: clique (*tap*), duplo clique (*double tap*), rolar (*flick*), deslizar (*drag*), pinçar (*pinch*), pressionar (*press*), rotacionar (*rotate*), deslizar com dois dedos (*two-finger-drag*), espalhar (*smudge*) e comprimir (*squeeze*) (2012, p. 12-13).

De acordo com Palácios e Cunha (2012), as interfaces características desses dispositivos, são as hápticas, ou seja, aquelas sensíveis ao toque. Esses autores destacam que a palavra possui origem grega e está relacionada ao sentido de tocar. A interface gráfica se diferencia da háptica, pois, “enquanto uma tela gráfica pode mudar suas propriedades óticas sob controle do computador, um instrumento háptico pode mudar suas propriedades mecânicas sob controle do computador.” (HAYWARDS et al., op. cit., p. 17, apud PALÁCIOS et al., 2012, p. 2).

Para Palácios e Cunha (2012), essas telas sensíveis ao to-

⁷ Conferência sobre “Hiperídia e transídia, as linguagens do nosso tempo” – proferida pela profa. Dra. Lúcia Santaella (PUC/SP), como parte da programação do 4º Simpósio Hipertexto e Tecnologia na Educação: Comunidades e Aprendizagem em Rede, na Universidade Federal de Pernambuco, em 14 de novembro de 2012.

que, com interface háptica oculta, devem ser levadas em consideração no momento da elaboração de conteúdos para os dispositivos, de forma a não apenas informar o fato, mas sim elaborar uma narrativa interessante e atraente aos leitores, pois eles têm acesso aos diversos conteúdos bons e gratuitos na internet. Isso configura um grande desafio para a atual prática jornalística (FERRARI, 2010).

Torna-se relevante compreender a melhor forma de disponibilizar o conteúdo jornalístico nesses dispositivos. A começar pelas formas de acesso à informação: pelo aplicativo ou pelo site móvel. Na primeira opção, o veículo tem uma versão exclusiva para dispositivo móvel. Nos sites móveis, há os sites adaptáveis, que podem ser acessados pelo computador ou pelo dispositivo móvel. Quando o site é acessado, o usuário visualiza o conteúdo de forma adaptada (FLORES⁸ et al., p. 10).

Ao acessar um dispositivo, utiliza-se a Interface Natural do Usuário (NUI - Natural User Interface). Segundo Flores⁹ et al., tal interface possibilita a interação entre usuário e dispositivo móvel. A importância da compreensão da NUI ou interface háptica para a construção de conteúdos se dá pelo fato de, nos *smartphones*, os gestos serem fundamentais para a navegação.

Considerações finais

A integração das redações, a emergência do jornalista polivalente e a expansão do jornalismo móvel fazem parte de um cenário complexo, pelo qual permeiam os profissionais do âmbito jornalístico. Surgem interrogações sobre a apropriação de dispositivos móveis na profissão, não apenas na rotina de produção, distribuição e circulação, mas para a produção de conteúdos. Essas e outras questões são desafios profissionais a serem superados através da convergência ou fusão de áreas que, por meio da criação e interação, possam explorar características como multimídia e taticidade e oferecer bons conteúdos aos novos usuários.

⁸ Site que disponibiliza o download gratuito do material sobre a quarta tela. Disponível em: < <http://4tapantalla.com/> > Acesso em 30 de março de 2013.

⁹ Site que disponibiliza o download gratuito do material sobre a quarta tela. Disponível em: < <http://4tapantalla.com/> > Acesso em 30 de março de 2013.

Mediante as discussões sobre o presente fazer jornalístico, que tem seu *status* reconfigurado devido à proliferação do *mobile*, considera-se ser necessário que os futuros profissionais não só desenvolvam habilidades para atuar no jornalismo móvel, limitando-se à produção nos dispositivos e/ou para esses dispositivos, mas que sejam capazes de desenvolver as multitarefas para os mais distintos meios pertencentes ao veículo para o qual eles trabalham. Portanto, em tempos de convergência, deve-se lançar mão da capacidade polivalente, nas áreas temática e tecnológica. No entanto, indica-se que a jornada de trabalho executada pelos profissionais, com o advento dos perfis multitarefa e multiplataforma, já se torna uma preocupação em termos de produtividade e qualidade do conteúdo produzido. O desafio, daqui para frente, é conseguir que a multitarefa seja mais bem conduzida, com reais condições de trabalho, para que a sobrecarga não ponha em risco o profissional e a sua produtividade.

Referências

- BARBOSA, Suzana; SEIXAS, Lia (2011). Jornalismo e Dispositivos Móveis: Percepções, usos e tendências. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo na ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro, 9º, 2011, Rio de Janeiro.
- CANCLINI, Nestor Garcia (2008). Leitores, Espectadores e Internautas. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras.
- CASTELLS, Manuel (2000). A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra.
- DÍAZ-NOCI, Javier (2011). Online News: Narrative, Hypertext and Interactivity. An Analysis of International Media. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- FERRARI, Pollyana (2010). A força da mídia social. São Paulo: Factash Editora.
- FERREIRA, Paulo (2012). Com você, a imprensa móvel.

FERRARI, Pollyana (org). Hipertexto, Hipermídia: As Novas Ferramentas da Comunicação Digital. 2 ed. São Paulo: Contexto, cap. 5. (53-68).

GARRISSON, Bruce (2012). O uso de e-mail na busca de notícias. FERRARI, Pollyana (org). Hipertexto, Hipermídia: As Novas Ferramentas da Comunicação Digital. 2 ed. São Paulo: Contexto, cap. 3. (29-39).

GIDDENS, Anthony (2002). Modernidade e Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MACHADO, Elias (2007). A base de dados como espaço de composição multimídia. In: BARBOSA, Suzana (org.). Jornalismo Digital de Terceira Geração. Covilhã: Labcom – Universidade da Beira Interior, cap. 8, (111-124).

MANOVICH, Lev (2001). The language of new media. London: The Mit Press Cambridge.

MIELNICZUK, Luciana; PALACIOS, Marcos (2001). Considerações para um estudo sobre o formato da notícia na web: o link como elemento paratextual. In: Encontro Nacional da Compós: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 10., 2001, Brasília: Anais.... Disponível em: < http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1222.pdf > Acesso em 26 de setembro de 2011.

MARQUES, Márcia (2013). Tudo ao mesmo tempo agora: o ensino de jornalismo em cenário permanente de mudanças. Antes da Pauta: linhas para pensar o ensino do Jornalismo no século XXI. JÚNIOR, Enio; BARROS, Luciano; OLIVEIRA, Dennis (Orgs). São Paulo: ECA/USP, 153p. cap. 2 (31-56).

PALACIOS, Marcos; CUNHA, Rodrigo (2012). A taticidade em dispositivos móveis: primeiras reflexões e ensaio de tipologia para uma característica agregada ao ciberjornalismo. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 10º, 2012, Curitiba, Anais... Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

SALAVERRÍA, R. Estructura de La Convergencia (2010). In: GARCÍA, X.L.; FARIÑA, X. P. (orgs). Convergencia Digital: reconfiguración de los Medios de Comunicación en España. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, (27-40).

____ (2003). Convergencia de Medios. Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación. Quito, nº 81, (32-39). Disponível em: < <http://www.almendron.com/cuaderno/varios/medoc-0411-01.pdf> > Acesso em 08 de abril de 2013.

SANTAELLA, Lucia (2008). A ecologia pluralista das mídias locativas. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 37, (20-24). Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4795/3599> > Acesso em 13 de junho de 2011.

SCOLARI, Carlos (2008). Hipermediaciones. Barcelona: Gedisa,.

SILVA, Fernando Firmino da (2009). Tecnologias Móveis como Plataformas de Produção no Jornalismo. IN: LEMOS, André; JOSGRILBERG, Fábio. Comunicação e Mobilidade: Aspectos Socioculturais das Tecnologias Móveis de Comunicação no Brasil. Salvador: EDUFBA, cap. 5. (69-88).

____ (2009 b). Jornalismo e tecnologias portáteis na cultura da mobilidade: Tipologias para pensar o cenário. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, VII, 2009, São Paulo: Anais... São Paulo: USP. Disponível em: < http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/fernando_firmino_da_silva.pdf > Acesso 02 de abril de 2013.

____ (2011). Repórteres em campo com tecnologias móveis conectadas: uma abordagem teórica sobre convergência e mobilidade. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 9º, 2011, Rio de Janeiro: Anais... Rio de Janeiro: ECO- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: < http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/9encontro/CC_41.pdf > Acesso em 02 de abril de 2013.

Outras publicações da autora:

CALADO, K. A. Narrativas jornalísticas em dispositivos móveis: apropriações da colaboração pelo jornalismo local. *Temática* (João Pessoa. Online), v. 12, p. 89-105, 2014.

CALADO, K. A. A resolução semântica no jornalismo de base de dados: uma análise das hipernarrativas do jornal *Diário do Pernambuco* no tablet. *Temática* (João Pessoa. Online), v. 9, p. 1-15, 2013.

CALADO, K. A. Narrativas jornalísticas em dispositivos móveis: apropriações da colaboração de usuários para o desenvolvimento do jornalismo hiperlocal. In: *Intercom Nordeste 2013*, 2013, Mossoró/RN. Comunicação em tempos de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: Intercom, 2013. v. XV.

CALADO, K. A.; SILVA JUNIOR, J. A. . Reflexos do *mobile* no jornalismo. In: *II Colóquio Internacional Mudanças Estruturais no Jornalismo - MEJOR*, 2013, Natal/RN. Estatutos, carreiras e normas. Brasília: SBPjor, 2013. p. 1-13.

CALADO, K. A. Estrutura de narrativas multimídia em *tablets* uma análise de três jornais em Pernambuco. In: *4º Simpósio de Ciberjornalismo*, 2013, Campo Grande/ MS. Jornalismo: integração midiática e experimentação. Campo Grande: Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo, 2013. v. 4. p. 1-18.

Outras publicações do autor:

SILVA JR, JOSÉ AFONSO; PEIXOTO, JOÃO GUILHERME DE MELO. Entre o que se vê e o que se fala: a metodologia da História Oral na construção das narrativas fotojornalísticas contemporâneas. *Comunicação & Inovação* (Online), v. 16, p. 107-120, 2015.

SILVA JUNIOR, JOSE AFONSO. Da fotografia Expandida à Fotografia Desprendida: Como o Instagram Explica a Crise da Kodak e Vice-versa. *Líbero* (FACASPER), v. 33, p. 117-126, 2014.

SILVA JUNIOR, JOSE AFONSO. DA FOTO À FOTOGRAFIA: OS JORNAIS PRECISAM DE FOTÓGRAFOS?. *Contemporanea* (UFBA. Online), v. 12, p. 39-54, 2014.

SILVA JUNIOR, JOSE AFONSO. Entre o Instagram e a Kodak. Expansões e ultrapassagens na cultura fotográfica contemporânea. *ESFERAS - Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste*, v. 5, p. 97-104, 2014.

SILVA JUNIOR, JOSE AFONSO; PEIXOTO, J. G. M. entre bits e dólares: desafios para o financiamento da produção fotojornalística contemporânea. *Brazilian Journalism Research* (Online), v. 9, p. 134-153, 2013.